

## APRESENTAÇÃO

Em meados dos anos 80, várias associações de professores de línguas estrangeiras começaram a organizar-se para que o ensino de outro idioma na escola pública não correspondesse unicamente ao estudo do inglês. Com isso não se pretendia desbancar a língua inglesa, mas só assegurar aos alunos do secundário uma escolha mais condizente com suas inclinações e, sobretudo, mostrar-lhes, no caso dos idiomas aportados ao Brasil graças às várias levadas migratórias, o quanto esses contingentes humanos, que aqui chegaram, trouxeram em termos de falas diferentes e, conseqüentemente, em termos de outras culturas que, ao se amalgamarem com a da terra, enformaram nossa visão de mundo.

No caso da cultura italiana, ela encontrou sempre um terreno fértil entre nós. No campo das idéias, da música, do cinema, das artes plásticas, do teatro, da literatura (só para citar alguns exemplos), o diálogo com a nossa cultura tem sido constante, mesmo antes da chegada dos imigrantes, embora a presença destes tenha reforçado certas preferências em alguns setores.

Pensadores como Maquiavel, Giambattista Vico, Benedetto Croce, Antonio Gramsci, Norberto Bobbio, Umberto Eco têm influenciado a intelectualidade brasileira.

Em nosso idioma, a linguagem musical tomou emprestados do italiano muitos termos: piano, violoncelo, libreto, ópera, opereta, prima-dona, adagio, serenata, etc. Além disso, compositores notáveis como Albinoni, Monteverdi, Palestrina, Scarlatti, Vivaldi ainda hoje são muito apreciados entre nós. Sem falar de óperas como **Norma** e **Sonâmbula**, **Lucia de Lammermoor**, **Andrea Chenier**, **I pagliacci**, **Cavalleria rusticana**, **Bohème**, **Tosca**, **Manon Lescaut**, **Madame Butterfly** e **Turandot**, **O barbeiro de Sevilha**, **Rigoletto**, **Trovatore**, **Aida**, **Ballo in maschera**, **Traviata**, **Otelo**, e de seus autores, Vincenzo Bellini, Gaetano Donizetti, Umberto Giordano, Ruggero Leoncavallo, Pietro Mascagni, Giacomo Puccini, Gioacchino Rossini e sobretudo Giuseppe Verdi, cuja influência estendeu-se a músicos românticos de todo o mundo, dentre eles o nosso Carlos Gomes.

Mesmo em termos de música popular, se a presença de cantores italianos não é tão maciça como antigamente lembremos de um Tito Schipa, de um Carlo Buti, ou, mais recentemente, de Domenico Modugno, Peppino di Capri, Rita Pavone, Nico Fidenco, Gianni Morandi, Sergio Endrigo, Gino Paoli, Edoardo Vianello, Bobby Solo, Jimmy Fontana, John Foster, etc. -, a constante presença de Lucio Dalla no Brasil e o interesse que o Festival de Sanremo ainda consegue despertar vêm demonstrar que seu prestígio continua vivo em nosso país.

No campo cinematográfico, o sucesso dos banguês e das comédias ou, mais especificamente, de cineastas como Michelangelo Antonioni, Bernardo Bertolucci, Federico Fellini, Mario Monicelli, Pier Paolo Pasolini, Ettore Scola, Paolo e Vittorio Taviani, e, nos últimos anos, a chegada de filmes de Gianni Amelio, Roberto Benigni, Nanni Moretti, Maurizio Nichetti, Marco Risi, Gabriele Salvatores, Giuseppe Tornatore, entre outros, vêm confirmar a força que ainda tem o cinema italiano, cuja presença entre nós se tornou mais marcante a partir da fase neo-realista (com as obras de Roberto Rossellini, Vittorio De Sica, Luchino Visconti, Giuseppe

De Santis, só para citar alguns de seus expoentes), que tanto dialogou com nosso cinema independente e, conseqüentemente, com o Cinema Novo.

Nas artes figurativas, a Itália ocupa indiscutivelmente um papel de destaque. Nomes como os de Giotto, Donatello, Botticelli, Leonardo da Vinci, Rafael Sanzio, Miguel Ângelo, Giorgione, Ticiano, Tintoretto, Tiepolo, Canova, Modigliani, De Chirico, Balla, Boccioni, Carrà, Guttuso, Morandi, Fontana, Burri, Pistoletto, Ceroli, Manzoni, Chia, Clemente, Cucchi, De Maria, Paladino, etc. são conhecidos do público brasileiro.

Quanto ao teatro, recentemente têm-se afirmado Dario Fo e Eduardo De Filippo, ao lado de autores clássicos como Goldoni e Pirandello: este, desde a década de 20, tem sido determinante para a renovação de nossa dramaturgia e, nesse sentido, pode-se lembrar que foi fundamental para a formação do Alcântara Machado crítico. Isso sem falar da presença da *commedia dell'arte* constante em nossos palcos até os dias de hoje no personagem Tonheta (parente do *Zanni*), criado por Antônio Nóbrega em seu teatro Brincante. Ademais, vários encenadores italianos como Adolfo Celi, Ruggero Jacobbi, Luciano Salce, entre outros, colaboraram na consolidação do Teatro Brasileiro de Comédia e, posteriormente, da Companhia Cinematográfica Vera Cruz.

Na literatura, a contribuição de autores italianos também tem sido marcante: bastaria citar a admiração de Machado de Assis por Dante, Leopardi e Tasso, expressa em várias obras, ou a influência de Metastásio nos poetas árcades brasileiros, ou ainda o diálogo que os nossos modernistas travaram com os futuristas. Recente leitura de **Memórias de Simão, o caolho**, coletânea de crônicas que Galeão Coutinho escreveu na década de 30 e publicou em livro provavelmente em 1937, me leva a aproximá-lo inquestionavelmente do romance também memorialista de Luigi Pirandello, **Il fu Mattia Pascal (O falecido Matias Pascal, 1904)**, cuja primeira tradução no Brasil data de 1933.

Infelizmente, apesar de todos os exemplos arrolados, muitas vezes, a presença italiana entre nós limita-se a aspectos gastronômico-religiosos. Em geral, são destacadas pelos meios de comunicação de massa as festas de Nossa Senhora de Aquirópita, São Genaro, São Vito, muito mais pelo que podem oferecer em termos de pratos típicos do que pelo que realmente deveriam significar em termos de fé. É verdade que, se quisermos entender cultura de forma mais ampla, os imigrantes italianos nos legaram uma série de hábitos alimentares presentes na incorporação de palavras como pizza, nhoque, espaguete, lasanha, risoto, polenta, mozzarella, brócolis, etc. à nossa língua, mas não é menos verdade que, bem mais profundamente, e talvez bem mais inconscientemente, os italianos ajudaram a plasmar o olhar que lançamos sobre nossa realidade, pelo menos nos estados em que sua presença foi maciça.

Nesse sentido, de 14 a 30 de maio de 1990, a Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo, em colaboração com a Secretaria Municipal de Cultura, havia organizado o ciclo de conferências **Presença da cultura italiana**

**nas artes plásticas brasileiras: 1900-1930.** Aberto ao público em geral, o evento destinava-se sobretudo aos professores de italiano no secundário, com o objetivo de ampliar seus conhecimentos sobre a contribuição dos italianos e, conseqüentemente, sobre cultura brasileira.

Neste ano em que a Secretaria Municipal de Cultura promoveu o evento **Itália Brasil '95: a presença italiana no Brasil** (rememorando a imigração italiana e promovendo um amplo debate sobre o diálogo cultural entre os dois países nas áreas de arquitetura, cinema, pintura, teatro, etc.), pareceu-me oportuno trazer à luz os textos daquele ciclo realizado no mesmo Centro Cultural São Paulo, que constituem o núcleo central desse no 3 da **Revista de Italianística** – enriquecido ainda por um trecho literário de Edmondo De Amicis, que descreve a partida dos emigrantes de Gênova, e por um texto sobre o pioneirismo do cartunista ítalo-brasileiro Ângelo Agostini) - dedicado aos que fizeram dessa “*terra straniera*” sua nova pátria.

*Mariarosaria Fabris*